



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CCHA – CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E
HUMANIDADES
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A ATRAÇÃO DOS SENTIDOS HUMANOS PELO “UNIVERSO
LETRADO”: UM RECORTE DO FILME O LEITOR**

FRANCISCA PAULA DUTRA LINHARES

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2014

FRANCISCA PAULA DUTRA LINHARES

**A ATRAÇÃO DOS SENTIDOS HUMANOS PELO “UNIVERSO LETRADO”: UM
RECORTE DO FILME O LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV - da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Ms. Benedita Ferreira Arnaud

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L735a Linhares, Francisca Paula Dutra.

A atração dos sentidos humanos pelo "universo letrado"
[manuscrito] : um recorte do filme O Leitor / Francisca Paula
Dutra Linhares. - 2014.

26 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Benedita Ferreira Arnaud,
Departamento de Letras e Humanidades".

1. O Leitor. 2. Leitura. 3. Letramento. 4. Prazer/Sedução I.
Título.

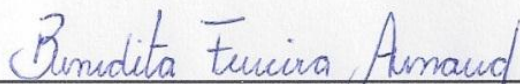
21. ed. CDD 372.4

FRANCISCA PAULA DUTRA LINHARES

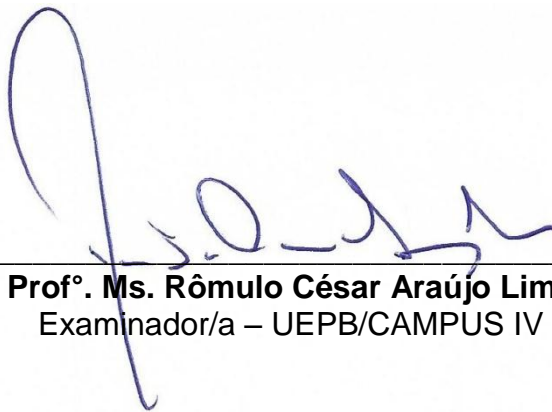
**A ATRAÇÃO DOS SENTIDOS HUMANOS PELO “UNIVERSO LETRADO”: UM
RECORTE DO FILME O LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras.

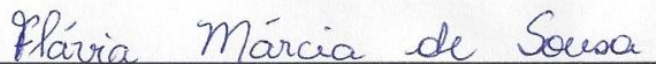
Aprovado em: 23 de julho de 2014.



Profª Ms. Benedita Ferreira Arnaud
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Ms. Rômulo César Araújo Lima
Examinador/a – UEPB/CAMPUS IV



Profª Ms. Flávia Márcia de Sousa
Examinador/a - UEPB/CAMPUS IV

TODO PONTO DE VISTA É A VISTA DE UM PONTO

*Ler significa reler e compreender, interpretar.
Cada um lê com os olhos que tem.
E interpreta a partir de onde os pés pisam.*

*Todo ponto de vista é a vista de um ponto.
Para entender como alguém lê, é
necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo.
Isso faz da leitura sempre uma releitura.*

*A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam.
Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha.
Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha,
que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o
animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.*

*Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor.
Porque cada um lê e relê com os olhos que tem.
Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.*

Leonard Boff

Dedico este trabalho a minha mãe que sempre se esforça para me ajudar a enfrentar os obstáculos da vida, seu carinho e dedicação me dão esperança para seguir.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem devo tudo que sou, por estar comigo em todos os momentos dando-me força, fé e coragem. Sua presença é imprescindível em minha vida.

A toda minha família, minha fortaleza em todos os momentos, em especial a minha mãe pelo carinho e dedicação, pelas vezes que deixou de suprir suas necessidades para suprir as minhas. Ao meu pai pela força e compreensão. As minhas irmãs Joseíta e Joseíla que sempre estão ao meu lado. A minha avó Santana (in memoriam), aos meus sobrinhos e ao meu primo-irmão Waslan.

A Fabio, pelo amor e apoio, pelas vezes que me incentivou falando-me “você vai conseguir”.

A minha tia Lúcia Dutra, pela paciência e horas dedicadas a me ajudar no decorrer deste curso.

Aos meus amigos colegas de curso que trilharam esse caminho junto a mim, em especial a Tiego, Gilmara, Juliana e Heloisa com quem pude compartilhar alegrias, dividir os anseios e suavizar as dúvidas.

Aos meus amigos, que não apenas partilham comigo momentos de alegria, mas que me dão força e coragem nos momentos difíceis.

A minha orientadora Benedita Ferreira Arnaud, pela disposição e sabedoria para me apontar direções, por toda paciência e atenção, pelas correções necessárias, suas orientações foram suporte fundamental para concretização deste trabalho.

Aos professores que fazem parte da banca examinadora, Rômulo César Araújo Lima e Flávia Márcia de Sousa.

A todos os professores do curso de Letras da UEPB que muito contribuíram para minha aprendizagem.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos a mim, pois cada um, de forma especial, contribuiu para que esse sonho se tornasse uma conquista.

A ATRAÇÃO DOS SENTIDOS HUMANOS PELO “UNIVERSO LETRADO”: UM RECORTE DO FILME O LEITOR

LINHARES, Francisca Paula Dutra
Licencianda em Letras - UEPB/CAMPUS IV

ARNAUD, Benedita Ferreira
Profª Ms. Orientadora - UEPB/CAMPUS IV.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca da evidente atração dos sentidos humanos pelo “universo letrado”. Utilizamos como corpus para nossa análise, recortes do filme “O leitor”, baseado na obra homônima do escritor alemão Bernhard Schlink, dirigido por Stephen Daldry. Inicialmente apresentamos por meio de uma pesquisa bibliográfica, análises de autores que se dedicam a refletir sobre a leitura e o letramento trazendo significativas elucidações sobre os desafios e particularidades inerentes a esses processos. Destacamos a leitura enquanto prática social e, por fim apresentamos a intensa e intrínseca relação do universo das letras na constituição da personalidade dos personagens, suas frustrações anseios e sonhos. As conclusões a que chegamos denotam o prazer, o poder e o fascínio que a leitura exerce sobre as pessoas, mobilizando-as, transformando-as e, em sua falta, aprisionando-as.

Palavras-chave: O Leitor; Leitura; Letramento; prazer/sedução.

ABSTRACT

This paper aims to present some reflections about the obvious attraction of the human senses by "literate universe." We use the corpus for our analysis, clippings from the movie "The Reader," based on the eponymous work of the German writer Bernhard Schlink, directed by Daldry Stephen. Initially we present through a literature search, analysis by authors who are dedicated to reflect on reading and literacy by bringing significant clarifications on the challenges and peculiarities inherent in these processes. Include reading as a social practice, and finally present the intense and intrinsic relation of the universe of letters in the constitution of the personality of the characters, their desires and frustrations dreams. The conclusions we denote pleasure, power and the allure that reading has on people, mobilizing them, transforming them, and failing, trapping them.

Keywords: The Reader; reading; literacy; pleasure / seduction.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da história da humanidade a comunicação esteve presente no cotidiano das pessoas. Gradativamente, o ser humano, munido da oralidade, dos rituais, da dança e demais artes, foi construindo sociedades erguendo impérios, enraizando suas vivências pessoais e coletivas.

Com a criação da escrita, um grande e importante passo foi dado: a oralidade pôde encontrar uma aliada a fim de eternizar essas vivências, valores e tradições, fugindo assim, do esquecimento.

Zilberman; Silva (1988, p. 11) afirmam que com o surgimento da escrita houve uma revolução sócio-cultural, uma vez que “tão logo criada, a escrita assumiu um caráter distintivo, conferindo àqueles que dominavam a técnica de escrever (ou de desenvolver os sinais equivalentes as palavras inteiras, sílabas ou fonemas) um lugar de destaque na sociedade”. Visto dessa maneira, a escrita surge para possibilitar aos sujeitos não apenas um maior conhecimento, mas, a possibilidade de ascender em sociedade e garantir espaço e autonomia.

A leitura, desde sempre está ligada à escrita, vem se unir a esta se configurando crucial para o amplo e proveitoso desenvolvimento das potencialidades humanas. Todavia, não se pode pensar numa leitura mecânica, isolada do contexto. A leitura é muito mais, não se restringe ao código, delineia ante os olhos humanos todo um universo, construído desde os primeiros contatos com o mundo que os cerca.

Lajolo (2000, p. 7) compartilha desse pensamento, ao destacar que “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive [...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor”.

Frente a este posicionamento, concordamos que a leitura oferece oportunidades de crescimento. Além de possibilitar a criticidade, sensibiliza, encanta, fascina e nos faz sonhar.

Assim, faz-se necessário unir a leitura e a escrita de modo mais profundo, de forma direcionada e harmônica com o contexto dos sujeitos a fim de que se possa promover o letramento destes, visto que o chamado “universo letrado” permeia o cotidiano humano, mas nem todos conseguem acessá-lo.

Neste sentido objetivamos no presente trabalho apresentar algumas reflexões acerca da evidente atração dos sentidos humanos pelo “universo letrado”, utilizando como corpus, recortes do filme “O leitor”, baseado na obra homônima do escritor alemão Bernhard Schlink e dirigido por Stephen Daldry. Atentamos para a significação e ênfase que a leitura exerce na construção da trama e no desenrolar da história dos personagens Hanna e Michael.

Para tanto, pretendemos por meio de uma pesquisa bibliográfica, apresentar os pressupostos teóricos de autores que se debruçam sobre a temática da leitura enquanto prática social relevante na formação do sujeito e inserção na sociedade.

Utilizamos a análise de conteúdo como procedimento de análise mais adequado. Como afirma Chizzotti (2006, p. 98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

A motivação para a realização desse trabalho se revela pelo reconhecimento da pesquisadora no que diz respeito à importância da leitura e do letramento para o pleno crescimento dos sujeitos e, especialmente, do poder de libertação que a literatura exerce sobre aqueles que a buscam e se deixam envolver por ela. Desse modo, o filme analisado exemplifica de forma clara e interessante a eficácia da leitura, sua extensão transformadora e seu contributo no desenvolvimento de uma dada sociedade.

Para tanto, utilizamos como referencial teórico, autores que abordam esta temática, a exemplo de Martins (2006), Lajolo (2000), Freire (1997), Soares (2004), Zilberman; Silva (1988) dentre outros, essenciais para esta discussão.

Os itens constitutivos do trabalho abordam aspectos relacionados à leitura e o letramento bem como suas particularidades e desafios. No primeiro item, trazemos alguns questionamentos sobre a leitura e os leitores, destacando os conceitos de letramento; no segundo item mostramos algumas elucidações sobre as diferentes leituras e formas de ler; no terceiro item apresentamos a leitura enquanto prática social, salientando a relevância desta para o crescimento das sociedades; no quarto item tratamos de apresentar uma síntese do filme e no quinto item analisamos a leitura e sua importância no desenrolar da história, apresentamos a intensa e intrínseca relação do universo das letras na constituição da personalidade dos personagens, suas frustrações anseios e sonhos. Por fim, fechamos nossa discussão com algumas considerações pertinentes ao estudo realizado.

A nossa contribuição com esta análise, se dá na intenção de socializar no meio acadêmico as abordagens sobre leitura e letramento, bem como enfatizar a importância da leitura na formação de sujeitos livres, críticos, abertos ao conhecimento e sensibilizados pelo universo das letras, usando como exemplo o filme “O leitor” que sugere, dentre outros pontos, atentar para o caráter transformador, prazeroso, aprimorador e fascinante que a leitura nos oferece.

1. LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO – IDEIAS CENTRAIS, CONCEITOS E RELAÇÕES

É inegável que para que haja de fato a inserção dos sujeitos no seio da sociedade, é imprescindível antes, possibilitar oportunidades de amplo crescimento intelectual, cultural e pessoal. Para tanto, espera-se que o processo educacional atente para as particularidades e saberes prévios desses sujeitos, através de uma prática pedagógica coerente e flexível que proporcione um ensino mais profundo, formando cidadãos letrados.

Mas o que seria, de fato, o letramento? Soares (2004) destaca que letramento e alfabetização são conceitos intrinsecamente ligados, ao mesmo tempo em que possuem as suas diversidades. Sobre essa questão, Soares (2004, p. 8) salienta que: “[...] No Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos [...]”

Percebe-se que, conforme a autora é inadequado considerar os dois processos como um só. Embora possuam seus pontos convergentes, letramento e alfabetização são processos distintos que, usados de forma consciente e harmônica podem levar a um ensino mais significativo e libertador.

No que diz respeito a essa distinção, Soares (2003) alerta que:

[...] há distinção entre alfabetização e letramento, entre aprender o código e ter habilidade de usá-lo. Ao mesmo tempo que é fundamental entender que eles são indissociáveis têm as suas especificidades, sem hierarquia ou cronologia: pode-se letrar antes de alfabetizar ou o contrário. (SOARES, 2003, p.3)

Logo, o conceito de letramento – partindo do processo de alfabetização – compreende não apenas a apreensão mecânica do código. O letramento visa desenvolver amplamente as habilidades com esse código tornando os sujeitos aptos a atuarem no âmbito social, cultural, político e econômico como um todo. Desse modo, a leitura e escrita tornam-se, verdadeiramente, poderosas ferramentas de desenvolvimento da autonomia.

É interessante observar que, segundo o pensamento da autora, o letramento pode, inclusive, ocorrer antes mesmo da alfabetização. Isto porque pessoas letradas são aquelas que puderam aprimorar-se, desenvolveram sua criatividade, confrontaram suas ideias com as ideias de outros e assim, ressignificaram o conhecimento.

O ensino do código é indispensável, mas apenas a alfabetização em essência não oferece aos sujeitos a oportunidade de ir além. Para que isso ocorra de forma bem sucedida, Soares (2003, p.3) aponta que: “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”.

A leitura nesse processo representa papel fundamental. O hábito de ler favorece desde o aumento do léxico até o despertar da criatividade e da fantasia. A leitura oferece um vasto universo de possibilidades e prazeres.

Sobre a eficácia desse hábito, Morais (1996, p.293 - 294) destaca que:

Ler é nutrir-se, respirar. É também voar [...] Se não gostasse de voar, pássaros deixariam cair suas asas e praticariam a corrida a pé. Mas, nos pássaros e nos homens o prazer dos atos naturais está nos genes. Em compensação o prazer da leitura é criação nossa. Esse prazer, portanto, é de nossa responsabilidade, tanto quanto a própria leitura.

Desse modo, a leitura estimula não apenas a imaginação, mas pode e tende a ser uma forma prazerosa por meio da qual as ideias fluirão mais e melhor e o aprendizado será mais proveitoso e enraizado. Assim, a leitura é imprescindível para o desenvolvimento da aprendizagem, fornecendo subsídios para que o sujeito seja inserido na sociedade de forma crítica e consciente. E, além disso, a leitura como fonte de prazer possibilita o despertar da imaginação, o livre voo por um mundo desconhecido.

A leitura, entretanto não pode ser encarada de forma isolada ao do contexto sócio-econômico-cultural dos sujeitos. Ao contrário, todos esses segmentos

oferecem leituras várias, percepções, conceitos que vão se agregando aos sujeitos e, juntos, constituem sua própria história e identidade. Martins (2006, p.15) acredita que “certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele”.

Santaella (2004) nos adverte que:

A leitura é um ato de trabalho: por trás da aparente imobilidade, há a produção silenciosa da atividade leitora [...], pois o ato de ler é um processo complexo que envolve não apenas a visão e percepção, mas inferência, julgamento, memória, reconhecimento, conhecimento, experiência e prática. (SANTAELLA, 2004, p. 23).

Assim, o contexto e as vivências pessoais contribuem fortemente para a apreensão da leitura. Freire (1997, p.9) converge com esse pensamento. Em seu texto sobre a importância do ato de ler. Ele relata revela que:

Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolaridade, foi a busca da “palavra mundo”. [...] A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi meu primeiro mundo. [...] Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo da minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras.

Nesse sentido, infere-se que a leitura do mundo aliada ao amplo desenvolvimento das potencialidades do sujeito contribui para que haja de fato o letramento. Este conceito, objetiva desenvolver as competências linguísticas de modo abrangente, formando assim cidadãos pensantes e atuantes, capazes de transformar suas vidas e a sociedade na qual vivem.

2. DIFERENTES LEITURAS E FORMAS DE LER

Naturalmente cada pessoa, à medida que aprende a ler e vivencia a leitura, passa a construir e reconstruir vários conceitos sobre aquilo que lê. Um mesmo texto ganha sentido diferente ao ser lido por pessoas diferentes. Cada sujeito possui uma forma de pensar, uma visão a respeito do mundo que o cerca, logo, cada um enxergará o texto à sua maneira.

Leonardo Boff em seu livro “A águia e a galinha”, utiliza o recurso da metáfora para nos levar a reflexões profundas a respeito da condição humana. O autor destaca neste texto as diferentes maneiras de perceber o mundo.

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita (BOFF, 1997, p. 9).

Com o advento da escrita e a criação dos livros, a leitura foi assumindo seu espaço em meio às sociedades, estas passaram a instituir entre si, maneiras de ler e de propagar este hábito.

Sobre esta questão, Abreu (2003, p. 1) comenta que “Ler em voz alta era a norma no século IV d. C., situação que se prolongou até o século XIV, quando muitos nobres ainda dependiam da oralização das palavras para compreensão de um texto”.

De acordo com a autora essa prática da leitura em voz alta era uma forma natural de sociabilidade muito comum nos salões, nos grupos literários, nas casas, nos serões e cafés. Para a sociedade da época, mais do que o contato com outras ideias, essa prática era uma “forma de entretenimento e de encontro social” (ABREU, 2003, p. 1).

Isto mostra que a leitura aparece como um elo entre as pessoas, por meio do qual se adquire prazer e aprendizado. Curiosamente, a literatura – a exemplo dos romances – tão inspiradora e incentivadora na contemporaneidade, fora motivo de discussões e polêmicas. Isto porque, segundo Abreu (2003, p. 2):

Eles foram vistos, até o século XIX, como um forte perigo para a moral, especialmente a das mulheres e moças. Supunha-se que a leitura de romances levava ao contato com cenas reprováveis, estimulando a identificação com personagens envolvidos em situações pecaminosas como as mentiras, as paixões ilícitas e os crimes.

Percebe-se nitidamente, que a sociedade vigente reconhecia na literatura um poder capaz, inclusive, de orientar comportamentos. É interessante notar que no período que vai do final século XVIII ao século XIX, a leitura foi um hábito mais comum ao público masculino.

Como se sabe, o patriarcalismo, nestes séculos, era o regime social em vigor, logo, os homens eram responsáveis pelo desenvolvimento econômico e político da sociedade enquanto as mulheres pela prole e pelo lar. Em face disto, mais do que aprender a ler e escrever cabia à figura feminina educar-se e desenvolver suas habilidades domésticas.

Ainda sobre este período, Abreu (2003, p. 3 – 4) afirma que:

Nesse período os livros são parte importante na composição de retratos, indicando principalmente o poder social e a posição intelectual dos retratados, que, em geral, são homens. Inúmeras são as obras em que senhores bem vestidos posam diante de uma biblioteca ou estante. Também indicando seu interesse intelectual alguns são vistos lendo jornais, em suas casas ou em espaços públicos. Já as mulheres são apresentadas no interior de suas casas, sozinhas ou acompanhadas de familiares e amigos.

Como visto, os livros indicavam também poder social, status, prestígio e intelectualidade, estando retratado, inclusive, nas artes como a pintura e a fotografia. Conforme destaca Abreu (2003, p. 5):

Esta associação entre leitura e enobrecimento do sujeito foi construída historicamente, tendo recebido forte impulso com a ascensão da burguesia. Homens e mulheres bem instalados socialmente parecem ter ficado satisfeitos em associar-se a certos sinais exteriores de sucesso: boas casas, belos vestidos, ambientes confortáveis, e *livros*. (grifo da autora)

Os tempos mudaram, a tecnologia ganhou fôlego e espaço, os valores, as culturas e os hábitos acompanharam essas mudanças. Com a leitura não foi e nem poderia ter sido diferente. As formas de ler e o acesso às obras aumentaram. Muito embora grande parte das pessoas ainda não disponha de recursos financeiros suficientes para usufruir dos livros, a desigualdade social representa um dos principais motivos pelos quais muitos ainda permanecem à margem do “universo letrado”.

Com relação ao filme “O leitor”, objeto de nosso estudo, um aspecto interessante a ser destacado no filme é o fato dos personagens explorarem os mais diferentes lugares da casa para suas leituras, desde a cama, até a banheira. Esse

detalhe evidencia o gosto pela leitura, evidenciado pela personagem Hanna, e que envolvia o casal de tal maneira a levá-los a qualquer ambiente, desde que um bom livro os acompanhasse.

Abreu (2003) chama atenção, ainda, para as práticas de leituras cotidianas realizadas por pessoas comuns. De acordo com a autora, a concepção elitista tem tornado invisíveis essas práticas culminando com a segregação dos leitores dos objetos de leitura que os atrai. Essa concepção elitista mostra-se excludente, ignorando leituras e leitores que tem verdadeiramente, muito a dizer.

3. A LEITURA ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL

Entender a leitura como prática social tornou-se imprescindível, pois é por meio dela que o indivíduo adquire conhecimentos torna-se consciente e capaz de transformar sua realidade. Por meio da leitura adentramos no mundo de infinitas realidades e possibilidades. Passamos a assumir papéis, adotamos posturas dialógicas diante das questões postas, enfim, passamos a nos posicionar criticamente através da interação que exercemos na sociedade. Dessa forma, vemos na leitura a possibilidade de formar uma sociedade consciente.

Nunes (1994, p. 14) destaca que:

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história; é social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política.

Visto dessa forma o ato de ler perpassa essas duas esferas: individual e social e tende a influenciar a sociedade como um todo. Masine; Maia (1988, p. 75) esclarecem que “[...] ao discutirmos a leitura como prática social, é na vida dos homens que é necessário se situar, pois entende-se como prática social a interação do homem com a história, que transforma suas condições objetivas”.

Logo, a leitura mostra-se como um ato fundamental na vida humana, posto que, além de promover a realização pessoal também capacita os sujeitos para que estes venham agir conscientemente sobre a realidade na qual estão inseridos. Por meio da leitura o homem divide e aprimora conhecimentos e valores, adquire senso

crítico, estimula seu raciocínio, alimenta sua criatividade e interage com o outro de forma mais dinâmica e produtiva.

Segundo Neves (2000, p.22) “ler não é tentar decifrar ou adivinhar de forma isenta o sentido de um texto, mas é atribuir-lhe significados”. Porém, para que o indivíduo possa fazer uso social da leitura não bastará apenas uma simples decodificação da linguagem escrita, visto que, ler é um ato de atribuir significados, de (re) significar. Neste sentido faz-se necessário que o sujeito leitor atribua significados ao que ler relacionando texto e contexto.

Evidencia-se, assim, a importância do ensino da leitura com prioridade ao letramento. A decodificação, apenas, não assegura o amplo despertar das habilidades linguístico-discursivas, e o interesse e pleno envolvimento entre o leitor e o texto.

Justamente, o letramento visa capacitar o leitor para múltiplos usos da leitura e escrita, ao passo que conduz ao contato prazeroso com as letras. Percebe-se, diante disso, que o diferencial está na forma como se conduz o processo de ensino-aprendizagem da leitura, esta deve ser priorizada desde os anos iniciais do ensino regular até o âmbito acadêmico, de forma a despertar o apreço e a criticidade dos leitores.

Nessa perspectiva, Freire (1997, p.11) ressalta que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto”. Conforme esse pensamento, ler de forma crítica supera a decodificação. Cada leitor possui conceitos e ideias que vão ser confrontados com os conceitos e ideias presentes no texto lido. Logo, um mesmo texto pode suscitar diferentes leituras.

Por sua vez, no livro “A leitura em questão”, Foucambert (1994, p. 5) afirma que:

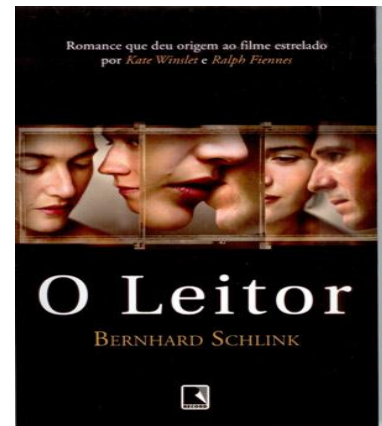
Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Com base no que afirma o autor, a leitura pode ser entendida como o alicerce básico para a construção de uma sociedade consciente capaz de transformar a realidade. Por meio da leitura adquirimos conhecimentos, ampliamos nossa visão de mundo, desenvolvemos a comunicação e o senso crítico.

Nesse sentido percebe-se que a leitura cumpre com sua função, como uma prática social primordial na formação do indivíduo, quando o direciona a contribuir efetivamente em sua comunidade, quando o motiva a refletir e construir-se como autor de sua própria história. Nessa perspectiva, a leitura é indispensável para a formação social do ser humano.

4. O LEITOR – SÍNTESE DO FILME

Baseado no livro do escritor alemão Bernhard Schlink e dirigido por Stephen Daldry, o filme “O leitor” nos apresenta um enredo estruturado em dois personagens: Hanna Schmitz (Kate Winslet) e Michael Berg (David Kross/Ralph Fiennes). O filme oferece uma narrativa não linear. A história tem início em 1995 com Michael Berg adulto e o olhar perdido na janela. A partir daí sua lembrança nos leva a 1958 quando ele aos 15 anos passa mal na entrada de um prédio e uma mulher o ajuda.



Após a ajuda de Hanna o garoto vai para casa e passa um longo período adoentado, ao se recuperar volta ao prédio para agradecer e se sente atraído por ela. Apesar da diferença de idade os dois dão início a uma relação que irá marcá-los para o resto de suas vidas. Hanna é uma mulher solitária e enigmática, além de ser bem mais velha que Michael a situação financeira e cultural dos dois também é diferente, ele é apresentado como um garoto introspectivo e inseguro e logo se apaixona.

Ambos passam as tardes juntos, sempre depois das aulas o garoto corre para casa dela. Hanna o inicia sexualmente e curiosamente o fato de Michael saber ler a atrai ainda mais. Ela começa a pedir para o jovem ler em voz alta obras literárias dos mais diversos gêneros como A Odisseia de Homero; A Dama do Cachorrinho de Anton Checkhov; Guerra e Paz de Liev Tolstói; O amante de Lady Chatterley de D. H. Lawrence; As aventuras de Tintim do cartunista belga Hergé.

Entretanto, Hanna subitamente desaparece deixando Michael completamente atordoado. Depois de outro corte temporal o filme nos mostra o garoto cursando direito no ano de 1966 participando de um julgamento de seis mulheres acusadas por crimes ocorridos nos campos de concentração nazistas.

Para surpresa e desespero de Michael uma das acusadas é Hanna Schmitz, ela trabalhou como guarda no campo de concentração de Auschwitz e junto com as outras cinco acusadas teria deixado trezentas prisioneiras judias morrerem queimadas.

Michael assiste perplexo ao julgamento. Em seu depoimento Hanna demonstra sinceridade e até certa ingenuidade ao falar sobre o que acontecia nos campos de concentração. Nesse momento também foi exposto que ela escolhia meninas para realizarem leitura em voz alta, deixando claro que, apesar de sua austeridade e rudeza, a leitura sempre a fascinou.

No decorrer do julgamento as outras réis atribuíram toda culpa a Hanna inclusive a responsabilidade de ter feito um relatório sobre o ocorrido, ela acaba assumindo a autoria quando o juiz lhe solicita uma amostra de sua caligrafia. Nesse momento Michael percebe tardiamente que ela não sabe ler nem escrever, fato que ela escondeu durante toda vida.

A vergonha de admitir diante de uma sociedade “letrada” o seu analfabetismo foi fator agravante a sua condenação, se viu obrigada a se acusar para não revelar seu grande segredo, o que resultou em condenação perpétua enquanto as outras réis receberam penas menores.

A paixão pela leitura torna ainda mais intensa a vergonha de assumir que não sabia ler, de certa forma a personagem fica mais constrangida por não saber ler do que por ter participado do holocausto.

Após alguns anos, Michael revê seus livros e resolve gravá-los em áudio e envia para Hanna, ela, como sempre, fica encantada com as histórias, pega os livros na biblioteca e assim vai associando o áudio a escrita. Dessa forma aprende a ler e a escrever sozinha e começa a mandar bilhetes para Michael, primeiro agradecendo depois pedindo que ele escreva para ela, Michael nunca responde, mas continua mandando as fitas.

Em 1988 é concedida a liberdade a Hanna e, Michael é chamado para ajudar em sua readaptação a vida social, pois é a única pessoa com quem ela mantinha algum contato. Porém, ela comete suicídio na véspera de sua saída.

Assim, vemos ao longo do filme a leitura transformando a vida de Michael e principalmente de Hanna que fascinada pela leitura faz dela uma forma de atenuar os próprios sofrimentos e, sobretudo uma forma de libertação.

5. A ATRAÇÃO PELO UNIVERSO LETRADO - O FASCÍNIO E O PRAZER DA LEITURA EM CENA

A leitura é, sem dúvida, fonte de prazer e fascinação. Cada livro é uma história única, são reações e surpresas que envolvem o leitor atento ao enredo abordado a cada parágrafo, ponto e vírgula interpretados. Nesse contexto vemos na figura da personagem Hanna Schmitz o encanto pela leitura, o genuíno prazer de ouvir histórias.

Hanna tem características contraditórias que a fazem uma personagem intrigante e interessante. É uma mulher séria, imersa no silêncio. Seus traços revelam ao mesmo tempo, a beleza e delicadeza do ser mulher e a dureza da vida impressos em seu semblante.

Logo ao conhecer o jovem Michael, ela mostra-se interessada pelo fato dele saber ler. O garoto, diferente de Hanna, denota um ar doce, ingênuo e até mesmo inconsequente. Consideravelmente mais jovem do que ela, o rapaz se deslumbra com a súbita aproximação daquela bela e misteriosa mulher que mais tarde viria a se tornar o grande amor da sua vida.

Em contrapartida, Hanna parece enxergar no garoto a união entre o despertar de um romance e o prazer da leitura, compartilhando momentos de amor em meio aos livros.

Já no primeiro contato mais íntimo entre os dois, a leitura é apresentada também como uma forma de felicidade. Hanna pergunta o que o garoto está estudando na escola. Ele comenta que está estudando, dentre outras coisas, o latim. Ele fala algumas frases em latim e em grego e mesmo em uma língua desconhecida, Hanna se mostra admirada e feliz com a leitura do garoto e diz que é lindo. O “menino” se surpreende e indaga: “Como pode saber se é lindo se não sabe o significado?!”

Neste sentido a leitura assume a função contemplativa do “ato de ler” e não apenas de codificar e decodificar signos. Para Hanna o significado não importava, naquele momento, só a escuta bastava.

Sobre esse aspecto, Arigucci Jr (1994, p. 19) expõe:

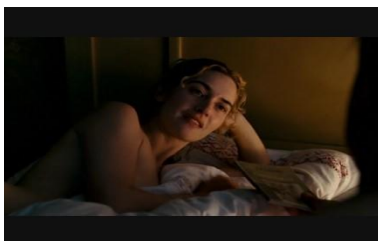
Vamos dizer que a experiência da leitura é a nossa aventura, a história romanesca em que penetramos pelo simples ato de abrir um livro. Algo do encanto da descoberta infantil permanece sempre nessa experiência: “Et nunc Manet in te”. Como nesse verso atribuído a Virgílio, algo nos passa e

fica. É que ela é, em grande parte também, nossa aventura, nossa felicidade.

Dentro dessa perspectiva, vemos no relacionamento do casal esse prazer em ler e ouvir histórias diversas, ambos demonstram a felicidade que sentem pelo simples fato de ler. Interessante notar que, no filme, a leitura assume essa nuance: ela é prazer e aventura e, gradativamente, em torno dela se delineiam as personalidades do casal.

Lajolo (2000, p. 27) defende que “reaprender a linguagem do prazer, reconhecê-la e desenvolvê-la na leitura é uma forma de resistência a uma concepção utilitária de leitura”. A leitura deve ser vista não só de maneira meramente instrucional, mas também como um exercício prazeroso.

Fascinada pelo universo literário Hanna estabelece a rotina no relacionamento: “Estamos mudando a ordem em que fazemos as coisas. Me lê primeiro, garoto. Depois fazemos amor.” Assim, o relacionamento se desenrola à medida que as leituras são feitas. Hanna oferece ao garoto a descoberta do corpo, ele, por sua vez, retribui em narrativas diversas. Nota-se nitidamente o prazer vindo da leitura, o encantamento que as histórias lidas pelo menino proporcionavam. A leitura surge, assim como um elo entre os dois.



Michael lia para Hanna enquanto ela lavava a louça, costurava, lia na cama, no sofá, na banheira, qualquer lugar era sinônimo de leitura. E assim passavam as tardes juntos, entre o prazer da leitura e o prazer sexual.

Outra forma de leitura evidenciada pelo filme é a leitura individual, não “a leitura da



palavra” como ressalta Freire, mas de mundo, do sujeito. Isto fica evidente na cena em que mostra que Hanna e Michael estão passeando. Ele tem um mapa nas mãos e diz que vai mostrá-la para onde vão. Ela não se interessa e diz: “Não quero saber!!!”



Ao chegar a uma Igreja deparam-se com um coro de crianças ensaiando. Hanna senta-se e se emociona com o que vê. Escuta atentamente aquelas crianças e parece reviver algum momento passado. Michael a observa emocionada. E se encanta. Cada um parece viver sua história.

É importante lembrar que a leitura não é apenas uma forma de obter conhecimentos, ela nos aguça a sensibilidade, o senso crítico, nos permite sonhar e encarar medos. Como exemplo disto, podemos destacar uma outra cena em que a protagonista nitidamente se emociona e chora nos braços do garoto enquanto ele lê.

Isso nos remete à ideia de que a leitura amplia nosso horizonte de expectativas, nos confere liberdade, inclusive de expressar nossos sentimentos, ou, como sugere Martins (2006, p. 17) “Dá-nos a impressão de o mundo está ao nosso alcance [...]” isso tudo de forma espontânea e natural a medida que nos deixamos seduzir pelas letras.

Em outras cenas vemos a personagem rir inocentemente com as histórias e encenações de Michael. Ao ouvir histórias eróticas, inicialmente se mostra enojada e até parece não gostar, mas curiosamente pede que o garoto continue com a leitura. Confirmando, assim, que seu prazer pela leitura ultrapassa até mesmo alguns de seus preconceitos ou ideologias. Para Hanna o que importa é o texto, suas cores, suas tramas, seus fascinantes mistérios, ouvi-lo é muito significativo, é o que confere graça e fantasia aos seus dias.

Gradativamente, o filme insinua ao expectador que Hanna não sabe ler. Com efeito, ela sempre pede para Michael ler, porém, disfarça e esquiva-se quando é convidada a ler.

Em um passeio isso é constatado: ao olhar um cardápio com dificuldade, Hanna tenta dissimular o seu analfabetismo. Olhando furtivamente de um lado para o outro, ela disfarça pedindo a Michael que escolha a refeição. Ironicamente, ao seu redor crianças leem com facilidade o mesmo cardápio, ela por sua vez, demonstra ser tomada por certa inveja e vergonha.

Passando algum tempo Hanna é promovida no seu emprego de cobradora para assumir um cargo no escritório da empresa, e pelo fato de ser analfabeta e da imensa vergonha que sente em assumir sua incapacidade de ler e escrever, prefere ir embora sem sequer avisar a Michael, este se vê transtornado com o súbito desaparecimento da mulher amada.

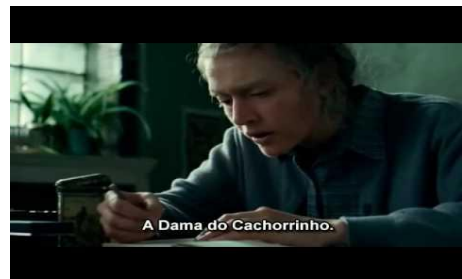
Percebe-se aqui a leitura como um elemento indispensável para a inserção social do indivíduo. Neste sentido, Zilberman; Silva (1988, p. 14), esclarece que:

[...] a condição de leitor é requisito indispensável à ascensão a novos graus de ensino e da sociedade; configura-se, assim, como o patamar de uma trajetória bem-sucedida, cujo ponto de chegada e culminância são a realização pessoal e econômica.

Foi exatamente isso que faltou à Hanna: leitura. E essa falta veio a comprometer toda a sua vida. Ao ser julgada preferiu perder a liberdade a assumir diante de todos seu analfabetismo, mas por ironia do destino é na prisão que ela ganha a liberdade que tanto a fascina, a liberdade de saber ler e escrever.

Hanna aprende a ler sozinha na prisão após receber fitas de áudio enviadas por Michael narrando os livros que aguçavam os encontros do casal, entre eles *A Dama do Cachorrinho*¹.

A cena mostra o momento em que Hanna pega o livro e acompanha a leitura do texto gravado e segue dominando o conhecimento, a codificação dos signos. Ela agora sabe ler e escrever, as letras, as



palavras. Ao escrever para Michael destaca: “Obrigada pela última, garoto. Gostei de verdade”.

Outra vez, Michael lê para sua amada, apesar da distância, e outra vez, a leitura se mostra como um forte elo entre os dois.

Lágrimas, risos, repulsa, medo, prazer, vergonha, felicidade e encanto são algumas das sensações vivenciadas por Hanna no encontro com a leitura. Em “O prazer da leitura” Rubem Alves afirma que:

¹ **A Dama do Cachorrinho** - Um dos mais belos contos do escritor russo **Anton Tchekhov** — por si só autor de alguns dos melhores contos da literatura universal. Em uma estação de veraneio em Ialta, **Dmítri Gurov**, burguês casado, que trabalha em um banco, se envolve com uma mulher também casada que passeia com seu cão pelo balneário. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br>. Acesso em: 03/07/2014.

Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a estória. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê a criança escuta com prazer [...] a criança se volta para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – porque eles são a chave que abre o mundo das delícias que moram no livro! Deseja autonomia: ser capaz de chegar ao prazer do texto sem precisar da mediação da pessoa que o está lendo. (ALVES, 2002, p. 41)

Esse pensamento nos leva ao título da obra: O leitor. Este desempenha um papel especial no desenrolar da trama, uma vez que é ele o mediador entre o sonho contido nos livros e a escuta atenta de Hanna. O leitor tem, inclusive, o papel de excitar o sonho, de despertar a vontade de ler por conta própria, de descobrir a cada dia, as belezas da literatura.

Diante disso, a leitura mostra-se como fonte de prazer, fascínio e libertação, por meio da qual os sujeitos envolvidos se veem transportados para um mundo inteiramente novo, repleto de encantamento, descobertas e sensações diversas. Assim, observamos no filme, esse encantamento, o fascínio pelas histórias, o prazer que um livro pode proporcionar mesmo antes de se aprender a ler.

NOSSAS CONSIDERAÇÕES

A leitura, como vimos, é um hábito intimamente ligado ao ser humano desde o seu nascimento. Lemos não apenas quando aprendemos a decodificar, mas antes mesmo de aprendermos as noções básicas de leitura, temos nosso próprio universo letrado: as imagens, os sons, até mesmo os gestos que nos cercam; tudo isto nos surge aos olhos despertando nossas leituras, nosso raciocínio e curiosidade.

Assim, a leitura do mundo tende a unir-se a várias outras leituras, outros textos que nos vão sendo apresentados ao longo da vida. Logo, é importante que se priorize um ensino de leitura e escrita mais significativo e profundo, por meio do qual os sujeitos possam ampliar seus conhecimentos e estejam aptos a atuarem na sociedade com autonomia.

Partindo de tal necessidade, surge o conceito de letramento: processo de ensino da leitura e escrita de forma mais abrangente com vistas ao contexto dos sujeitos, capacitando-os a usar a leitura e a escrita nas mais diferentes situações sócio-comunicativas.

O letramento, portanto, compreende não apenas a apreensão das técnicas de alfabetização, como também vai além desse processo, formando sujeitos críticos, conforme pudemos discutir no decorrer da pesquisa, vemos cada vez mais que a leitura é imprescindível para o crescimento de uma determinada sociedade. Por meio dela, indivíduos passam a ser sujeitos conscientes da sua história, interagindo entre si, assimilando ideias, compartilhando e ressignificando valores, conquistando a cada dia seu espaço e sua liberdade.

Fazendo um elo entre tais questões e o filme analisado, pudemos constatar essa evidente significância da leitura e, acima disso, as lacunas e limitações que ela deixa àqueles que não podem acessá-la exitosamente.

Hanna é um exemplo disto. Analfabeta, a ela foi negado o prazer de ler, entretanto, ela procura ter esse prazer, e tem, com a leitura que fazem para ela. Com a chegada de Michael – o leitor – os livros são palpáveis, os sonhos são possíveis através da voz do garoto que ler diferentes gêneros para a amada.

Contudo, apesar de não saber ler, a personagem demonstra um imenso fascínio e atração pela leitura, seus encantos, seu peculiar universo. Ela reconhece o valor dessa prática, tanto que, prefere submeter-se a uma pena maior do que merecia a ter que confessar diante de todos sua maior vergonha: não saber ler e escrever.

Isto nos remete a importância do educador como mediador da leitura. Leitura não mecânica, insensível ao contexto, mas uma leitura dinâmica, reflexiva e prazerosa que instigue a outros textos, que alimente os sonhos.

Ironicamente, condenada a passar seus últimos dias na prisão, Hanna encontra a liberdade tão almejada, aprende a ler e escrever, podia agora se deliciar com os livros. No entanto, esta liberdade era temporária, pois não suportando o julgamento daquele que lhe libertara por tão pouco tempo, entrega-se a morte, suicida-se. Diante disso, pudemos concluir que a leitura supera sua força de construção de saberes e condução do processo de ensino-aprendizagem.

As constatações finais a que chegamos ao apresentar algumas reflexões acerca da evidente atração dos sentidos humanos pelo “universo letrado” é a de que a tarefa prazerosa de um leitor deve expandir-se e concentrar-se na apreensão da complexidade e sedução da leitura. Alimento para o espírito, a leitura sensibiliza as pessoas, instiga o pensamento e tem a capacidade de nos transportar a um universo

mágico. A exemplo de Hanna, é na leitura que o ser humano encontra sua liberdade e, na falta desta, seu aprisionamento.

Sendo assim, fica evidente, conforme as ponderações de Boff (1997) que cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Diferentes leituras e formas de ler**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2014.

ALVES, Rubem. O prazer da leitura. In: _____. **Por uma educação romântica**. Campinas: Papyrus, 2002.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Leitura: ente o fascínio e o pensamento**. Série Idéias n.13. São Paulo: FDE, 1994. p.19-24.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha, a metáfora da condição humana**. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CHIZZOTTI, A. (2006). **Pesquisa em ciências humanas e sociais** (8a ed.). São Paulo: Cortez.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1997.

LAJOLO, Mariza. **No mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MASINI, Maria Lúcia Hage; MAIA, Suzana Magalhães. **A leitura enquanto prática social e a intervenção da escola**. Série Idéias n.5. São Paulo: FDE, 1988. p.73-76.

MORAIS, José. **A arte de ler**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

NEVES, Iara (org.) **Ler e escrever: um compromisso em todas as áreas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial**. São Paulo: UNICAMP, 1994.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004. – (Comunicação).

SCHILINK, Bernhard. Filme: O Leitor. 5 Indicações ao Oscar 2009. Direção de Stephen Daldry. Brasil: 2008. DVD.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 25, jan.-abril 2004. São Paulo: Autores Associados. p. 5-17.

_____. O que é letramento. **Diário do grande ABC**. Santo André, 29 de ago. 2003. Diário na escola. p. 3.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura**: Perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988.